

GAZOLLA, Rachel. **Para não ler ingenuamente uma tragédia grega**: ensaio sobre aspectos do trágico. São Paulo, SP: Loyola, 2001. 139 p.

Antonio J. R. Valverde\*

Reza a lenda que Descartes costumava anotar as idéias sugeridas pelo título de um livro – recém-caído em suas mãos - antes de lê-lo. Tal procedimento criava uma predisposição especial para a leitura. Ora, a negação contida no título do texto em tela sugere ao leitor tal operação, mesmo que o subtítulo redimensione o espectro do primeiro.

Resgatar e analisar, sob a forma de ensaio, aspectos do trágico grego num tempo envenenado por desesperanças secularizadas e tecnológicas pode parecer, de saída, um contra-senso sisífico. Será o caso?

Sem cair na tentação de presentificar ou reificar a tragédia, Rachel Gazolla propõe como metodologia o caráter lúdico de “distanciamento necessário e proximidade forçada”, ao recorrer às “história grega da época e língua grega”, tomadas como “parâmetros fundamentais.” No mesmo passo, esclarece que o trágico interessa-lhe para além dos “campos universitários”, e que o ensaio fundamenta-se, *paradoxalmente*, em seu principal campo investigativo: a Filosofia.

Se escrever é um exercício de sedução, a Autora exerce este dom ao conduzir o leitor pelos intrincados meandros da *distância no tempo* conciliada com a *fortuna crítica* da tragédia, com precisão e leveza necessária. Se atira ao mar companheiros indesejáveis - românticos alemães e hermeneutas - cede à “força discursiva de Nietzsche”, ao admitir que “talvez sua marca esteja presente neste ensaio de modo silencioso.” Perpassa Nietzsche com fino acabamento, cujo efeito é subsumir o menos polido e mais corriqueiro: tragédia e consolo metafísico, Apolo e Dionísio. Nietzsche adivinhou essa força e reconheceu-a como Dionísio atravessando a tragédia e desnudando o que há de eterno e ilogicizável no homem, um ser dividido, tensional, limitado, por isso mesmo frágil”. Citado por Gazolla em *Para não ler ingenuamente uma tragédia grega*, disponível na página 25.

Se há um sombreado nietzscheano difuso, só é possível observá-lo pelo avesso, como fazem as bordadeiras ao conferir os pontos por trás da tela bordada, não denunciados pelo direito.

*Para não ler ingenuamente uma tragédia grega* é um “livro” na acepção mais ampla e quiçá mais antiga da palavra. Em verdade, parece transcrever a palavra viva, livre e dialogal, daquela que o subscreve. Saber e sabor mesclam-se: há uma sugestão transparente de que estamos a ouvir, literalmente, a Professora que cede lugar à Autora. O longo empapar-se do espírito da tragédia transparece de modo elegante, conciso e provocativo. Urdido na intimidade do objeto, não deixa de ressaltar sua opinião, o que é próprio do gênero ensaístico. Seu olhar para a tragédia é pouco recorrente aos especialistas, mesmo conhecendo-os sobejamente. Lança mão do pensamento crítico somente para esclarecer e aproximar o foco do que pensa. O ar, ora fino ora pesado, do contexto de produção das tragédias, subjaz a cada página, sobremaneira nas passagens em que define “o drama trágico” e desmonta os nexos entre “o trágico e o político”.

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da PUC-SP e Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração da FGV-EAESP. Departamento de Filosofia - PUC-SP, Rua Monte Alegre, 984 (prédio novo), 4º andar, sala 4E-19 Perdizes, São Paulo – SP CEP 05014-001 E-mail: valverde@fgvsp.br

Como se um demônio pousasse sobre suas mãos ao escrever, a Autora enreda com fios mítico-trágicos os temas e *lugares* de seu objeto: deus Dionísio; herói trágico; erro (*hamartía*); desmedida (*hōbris*); sacrifício; persuasão; Destino; deliberação; catarse (*katársis*)... Sob esse pano de fundo, demarca as diferenças entre o universo trágico grego de viés comunitário e o dos tempos modernos, em que a tragédia é, no mais das vezes, a desmedida do núcleo familiar e do indivíduo.

Para elucidar trama e urdidura da poesia trágica em seu nascedouro, compara-a aos aspectos essenciais das poesias lírica e épica. O resultado mais geral é elucidação da primeira, como fez Aristóteles para as relações entre tragédia e epopéia.

Notas de rodapé oportunas e pontuais dão conta de ampliar o que transborda do corpo do texto. Em alguns casos para além do universo da Filosofia, busca-se reforço na literatura, antropologia, lingüística e psicanálise. Destaque para as lembranças de Dostoievski, Jung e Freud.

Parafraseando Guimarães Rosa: *a tragédia está em toda parte*. Contemporânea da irrupção da Filosofia, Platão, na *República*, dialetizou e sintetizou a tragédia em diálogos, além de inaugurar a discussão acerca do gênero. Aristóteles, por seu turno na *Poética*, ao teorizá-la, criou o mais amplo relato e crítica da Antigüidade sobre o mesmo. Tucídides e Heródoto incorporaram elementos da tragédia em seus escritos históricos. Nesses, oráculos *falam* por enigmas, heróis *conversam* com mortos. Pela consulta ao oráculo sabe-se, enigmáticamente, que um Império cairá, outro não. Um rei “mulo” substituirá o vigente. Cumpre-se a profecia: Xerxes, o bastardo torna-se rei... A tragédia é filha de um tempo de mudanças na base econômica e na supra-estrutura da sociedade grega, sob o reinado do direito. Tal advento promove um acúmulo de processos jurídicos em vista do suposto aumento de homicídios.

Esta evolución del derecho, tal como está explicada em la Orestíada, nace sobre el castigo del homicidio. (...) Pero en los tiempos de las monarquias heróicas, estos crímenes se multiplicaron. Rotos los lazos de la costumbre tribal, las familias dirigentes se hicieron ricas gracias al botín de guerra, riqueza que vino a provocar, con el tiempo, un sinfín, de luchas intestinas em cuanto a las sucesiones y herencias.” (THOMPSON, 1970, p. 52, extraído da obra; *La filosofía de esquivo*).

A própria Autora sintetiza as bases da tragédia: “a) tensão entre passado e presente; b) linguagem jurídica indicativa da relação entre Direito e Tragédia; c) tensão entre pessoa e cidadão; d) máscaras e heróis sinalizadores de uma encenação com distanciamento do arcaico; e) cadeia de crimes de sangue; f) conflito entre masculino e feminino; g) ligação entre *hamartía* e *hōbris* (erro-excesso); h) tensão entre destino e deliberação; i) embate entre deuses antigos e deuses novos.” (p. 65).

Saltando a retomada da tragédia desde o século XVII até o final do XIX, vale lembrar que Unamuno, em 1913, publicou a obra *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos*. De caráter irreligioso e desafinado com as teorias políticas hodiernas, propõe a imortalidade como o derradeiro limite do sujeito moderno, quicá a última fronteira trágica, na vaga de existencialismos passados e futuros. Em nossos dias, o romance *Cem anos de solidão* retrata ao menos um aspecto da tragédia grega pela personagem Melquíades, *manos de gorrión*. Tal qual Tirésias tudo sabe, mas não pode nem deve revelar aquilo que o Destino reserva a cada um.

*Por que as tragédias ainda atraem tanto?* “Porque há nelas o drama humano, demasiado humano, da existência; há o drama universal do homem envolto em suas afecções, na natureza, no sagrado e no profano, em seus limites e deslimites”, secunda a Autora. Como quer o bardo: “O homem perfeito do pagão era a perfeição do homem que há; por “cinco séculos de aspiração pagã perenemente postergada.” E arremata, que nem um pagão do século V: “A natureza é a diferença entre a alma e Deus.” Ou deuses. (PESSOA, 1982, Livro do desassossego, v. 2, p. 204).

Afinal de contas o que foi - *o que tem sido* - a tragédia grega? Uma resposta cabal dificilmente será elaborada, mesmo porque se perdeu na noite dos tempos toda sutileza, métrica, rima e dor da poesia original. Cedendo à má comparação, a trilogia *Oréstia* conforme Thompson, na obra *A propósito da tragédia Oréstia*, foi muito mais que uma ópera musical, totalmente metrificada em suas trezentas páginas, que o ator recitava de cor. Toda musicalidade da língua grega perdeu-se. Aproximações, engastes, enfoques, depurações lingüísticas são possíveis, mas não esgotam a compreensão e beleza. Se seu fundamento é teatral, pela derivação de fatos populares, o que ela *representa* é toda a vida da *polis*. Nela cada rito de-

pende do tempo oportuno. Em princípio, a tragédia grega era fator de atualização e educação das *poiesis*. O que não é pouca coisa.

*Grosso modo*, o que é um ótimo ensaio? Aquele que mais insinua que revela, como num desnudamento artístico, que deixa o leitor com desejo de ir atrás das obras capitais estudadas, indicadas e daquelas a serem descobertas. Além, é claro, da permissão e sem-cerimônia de adentrar o universo intelectual de quem o escreveu. A obra resenhada divide-se em duas partes. A primeira intitula-se “Ensaio” e contém “Aspectos do trágico”, que se subdividem em três capítulos: “uma questão de método”; “o que é o drama trágico?” e; “o trágico e o político”. A segunda contém como que o efeito demonstração do construído na parte anterior. Intitula-se “Duas tragédias de Eurípides como modelo de leitura”, composta pelas análises de “As Bacantes” e “Medéia”. Ainda do corpo do texto consta um “Anexo”, que traz o texto “os três grandes autores trágicos gregos e suas obras”. Por fim, a “Bibliografia”, subdividida em “Obras clássicas” e “Obras interpretativas”.

*Para não ler ingenuamente uma tragédia grega* é um ensaio excelente, no sentido grego

do termo. Esforço de resgate e entendimento, passados equívocos de toda ordem, acerca do teatro e vivência da tragédia grega. Porquanto ler e ouvir andem de par, é também necessário “colocar a tragédia sob o signo da escuta... (e) formular a hipótese de que, no teatro de Atenas, a escuta era, para o público da representação trágica, como que uma leitura muito refinada, à altura da ‘profundidade’ do texto.”, conforme Lourax, Nicole. Em *Maneiras trágicas de matar uma mulher*, sob a tradução de Mário da Gama Kury. Publicado pela editora Jorge Zahar em 1995. A citação pode ser observada nas páginas . 8-9.

Se for mister construir um fado suportável para os nossos dias, é válido lembrar que os “gregos buscavam em suas tragédias um *tal* equilíbrio entre justiça e humanidade, entre liberdade e necessidade, sem o qual não poderiam satisfazer seu senso moral, do mesmo modo que a suprema moralidade se exprimia nesse próprio equilíbrio.” Extraído da obra de Schelling, cujo título é *Filosofia da Arte*, na tradução de Márcio Suzuki, publicado pela editora 2001, e registrado na página 320.

**Recebido em** / Recieved in: 20/04/2003  
**Aprovado em** / Approved in: 01/06/2003